

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

## PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO E A CULTURA DE PAZ DENTRO DO ENSINO DAS ARTES CÊNICAS

*Flávia Beatriz Pedrosa Pereira*

Flávia Beatriz Pedrosa Pereira | Mestrado Profissional  
Linha de Pesquisa | PCE/PPGEAC  
Orientadora | Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrea Bieri

É atriz, poetiza, diretora teatral, dramaturga, pedagoga e professora de teatro e de vídeo na rede municipal do Rio de Janeiro. Atualmente cursa o Mestrado Profissional no Ensino de Artes Cênicas na UNIRIO. Participa da Companhia Viva de Teatro, formada por professores de Artes Cênicas da Prefeitura do Rio de Janeiro. Foi membro da equipe de atualização da proposta curricular da SME/RJ (MultiEducação em Artes Cênicas/Teatro: 2004,2005 e 2006). Também membro da equipe que elaborou o caderno pedagógico (sugestões para professores de Artes Cênicas) SME/RJ.



**PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO E A  
CULTURA DE PAZ DENTRO DO ENSINO DAS ARTES CÊNICAS**

Flávia Beatriz Pedrosa Pereira  
Profª Drª Andrea Bieri | Orientadora

É pretendido com a pesquisa *Pedagogia da Cooperação e a Cultura de Paz dentro do ensino das Artes Cênicas* um mergulho na própria *práxis* pedagógica, do docente das Artes Cênicas, para compreendê-la e sistematizá-la. A docente em questão<sup>1</sup> leciona na Escola Municipal Orlando Villas Boas (desde 2007<sup>2</sup>), como professora I de Artes Cênicas, esta instituição é situada na Rua André Cavalcanti<sup>3</sup>, no Centro da cidade do Rio de Janeiro.

A pesquisadora e docente diagnosticou que, no decorrer dos anos em que ali leciona, os alunos estão mais agressivos, sem interesse pelos estudos, sem respeito com o passado e sem pensar num futuro, com atitudes egocêntricas, beirando até as atitudes desumanas, encontrando diversão somente onde há humilhações, agressões físicas e verbais: o *bullying* está presente no cotidiano escolar e virtual. Não há preocupação com o outro e nem com o planeta. As aparelhagens digitais são mais relevantes em suas vidas do que a presença das pessoas ao redor<sup>4</sup>. A nova geração assiste a tudo comodamente em qualquer lugar, na distância sem um profundo envolvimento, sem se afetar, tudo vira informação (desvairada e desconexa), tudo é descartável.

Este estudo caminha na trilha da cultura de paz para tentar frear a intensificação que a cultura da violência tem provocado. Entendemos com Lucchesi<sup>5</sup> que a violência alimenta uma estrutura que dá emprego a quem mede seus índices, a quem enuncia estes a sociedade (a mídia), rendendo matérias e programas de combate. Caso

1 Esta autora: Flávia Beatriz Pedrosa Pereira.

2 Ano que a escola foi inaugurada.

3 Números de 103 a 109.

4 Alunos confessaram que preferem que seus responsáveis lhes batam aos castigar tirando-lhes o celular.

o noticiário seja “Redução<sup>5</sup> de 10% na criminalidade do Rio de Janeiro”, este altera índices de popularidade das figuras políticas, atrai investimentos e justifica as verbas emergenciais entre outras coisas, mas nada altera na vida do cidadão que sofre a violência (LUCCHESI, 1998).

O fato é que os alunos vivem numa cultura onde a violência parece estar autolegitimada: ora pela ordem direta do tráfico que manda matar policiais, como se a vida não valesse nada, ora pela autonomia de cidadãos que pagam seus impostos e se sentem insatisfeitos, decidindo prender e surrar o jovem ladrão de bicicletas num poste. Em ambos os casos não há embaraço nas práticas destas barbáries. Esses atos parecem ser justificados: o justiceiro acredita que está fazendo justiça e se protegendo (a si e a sociedade) e o marginal que mata um policial, ele sobe de posto (ganha *status*), e já que o poder legitimado não resolve o problema, eles se sentem a representação do herói<sup>6</sup>.

Que valores a sociedade está produzindo no alunado? Por isso é relevante pensar numa educação humanista, libertária, criativa e construtiva de valores formativos de caráter, de solidariedade e de cooperação. Será que esta busca é uma utopia? Será possível desatar os nós? Harmonizar temperamentos de adolescentes?

Grande parte dos alunos das escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro convive cotidianamente com a violência dentro de casa, nas comunidades em que moram e através das redes sociais. Dependendo de como eles possam ser atingidos, ela pode causar danos, distúrbios até psicológicos, processos autodestrutivos etc. A adolescência é uma fase que necessita de apoio e confiança. Os adolescentes são sujeitos em fase de crescimento e formação, estão formando o caráter e o juízo de valores. Nesta fase eles precisam ganhar autoconfiança e serem ouvidos, como também ter um espaço para debaterem temas pertinentes.

---

5 Ou aumento.

6 Influências dos heróis das histórias em quadrinhos ou um dos heróis exterminadores do cinema e seriados americanos.

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO

Em entrevista para a Revista Profissão Mestre, Aguiló enfatiza que o diálogo faz parte da relação do professor com os alunos. A professora pesquisadora está buscando ter uma relação diferenciada com seus alunos para proporcionar mais acolhimento nas situações cruciais. E também utilizando os jogos cooperativos, textos diversos para refletir e dramatizar, intercâmbios de conhecimentos e vivências entre alunos de faixas etárias diferentes. Visto que a educação não pode ser uma simples transmissão de conhecimentos, limitada e limitante, opressora e mantenedora do *silenciamento* dos excluídos<sup>7</sup>. Proporcionando abertura de debate e de reflexão, para uma possível conscientização da postura agressiva e que essa pode ser atenuada com diálogo e escuta.

As instituições escolares com suas tradições, punições ou descasos, omissões e contradições, sem autonomia, com incoerências, com falta de estrutura, sem avanços acolhedores, e do próprio corpo docente quando se imobiliza, desanima, não busca alternativas, cai no automatismo, na superficialidade, contribuem para a manutenção do *silenciamento*<sup>8</sup>.

Esta pesquisa entra em concordância com Correia (2010): que o desafio maior é o de estender o exercício da cooperação além dos jogos (CORREIA, 2010). Nesse sentido, a Pedagogia da Cooperação busca além do uso dos jogos cooperativos para dissolver conflitos. Aplicá-la é motivar a cultura de paz, é um trajeto de vida que se amplia em todos os setores da vida e não somente ao escolar.

As aflições da docente são as seguintes: que seus alunos não consigam ser indivíduos tolerantes com as diferenças seja de gênero, de crenças religiosas, de classes sociais, entre outras diversidades. E por isso se apropriem do discurso de ódio. Indignada com as humilhações, com os atos de intolerância, preocupada com os reflexos do futuro (da humanidade) com uma geração tão agressiva e egocêntrica, com o desmazelo das relações sociais, ela ressalta a importância deste estudo no campo da Cultura de Paz.

<sup>7</sup> Nesta pesquisa: alunos de escolas públicas oriundos de famílias carentes.

<sup>8</sup> E/ou da exclusão.

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO

É a busca por uma alternativa que permita resolver os conflitos de maneira amistosa, com diálogo e conscientização, pretendendo obter um ambiente escolar mais harmonioso. E é através das Artes Cênicas que a Pedagogia da Cooperação está sendo apresentada, partindo da dramatização das dores dos que sofrem algum tipo de discriminação para a empatia com os personagens, além de abrir debate e enfatizar que o trabalho teatral se faz em equipe, proporcionando a valorização da cooperação em todos os meados da aprendizagem desta arte.

## REFERÊNCIAS:

AGUILÓ, Alfonso. A formação do caráter na escola. Entrevista concedida em 02 de abril de 2015 à **Revista Profissão Mestre**. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/33219/a-formacao-do-carater-na-escola/>> Acesso em: 17 de maio de 2017.

CORREIA, Marcos Miranda. **Trabalhando com jogos cooperativos**: Em busca de novos paradigmas na educação física. 4. ed. Campinas, SP: Papiros, 2006 - (Coleção Papiros Educação).

LUCCHESI, Ivo. Os direitos humanos e a cultura da violência. **Aquila**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, jul. - dez. 1998. p. 17 - 36.